



POETA DE GAVETA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Prof. Dr. João Grandino Rodas

Reitor

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Vice-Reitor

Profª Drª Maria Arminda do Nascimento Arruda

Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dr. Osvaldo Luiz Bezzon

Prefeito do Campus de Ribeirão Preto

João Braz Martins Júnior

Diretor da Divisão de Atendimento a Comunidade

Camila de Carvalho Michelutti

Chefe da Seção de Atividades Culturais

Seção de Atividades Culturais

Aurélio M. C. Guazzelli (Lelo)

Camila de Carvalho Michelutti

Carlos de Araújo Arantes

Ivani Moreno Cardoso

José Gustavo Julião de Camargo

Lélis Camilo Cavalieri

Maria Aparecida Rodrigues Vitor

Rafael dos Santos Elias

Regina Célia Reis da Silva

Sandra Regina Arcanjo de Carvalho Melo

volume 19

2013



POETA

ISSN 1516-0513

POETA DE GAVETA

poesia & prosa



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PREFEITURA DO CAMPUS USP DE RIBEIRÃO PRETO
DIVISÃO DE ATENDIMENTO A COMUNIDADE
SEÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS

Produção

Seção de Atividades Culturais

Coordenação do programa

Lelo Guazzelli

Seleção de originais

Goimar Dantas

Marcos Sosa

Preparação e projeto gráfico

Valnei Andrade [eis estúdio]

Fotografia

Milena Shimada

SEÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS • DVATCOM • PUSP-RP – USP

Prefeitura do Campus USP de Ribeirão Preto

Rua Pedreira de Freitas, casa 04 – tel.: (16) 3602.3530

14040-900 Ribeirão Preto / SP

www.prefeiturarp.usp.br/cultura • cultura.pc@usp.br

 [/atividadesculturais.usp.rp](https://www.facebook.com/atividadesculturais.usp.rp)

editorial

O registro, o reconhecimento e a persistência

Depois de dezenove anos, o programa Poeta de Gaveta, em toda sua coleção, registra uma boa parte da criação feita dentro do ambiente acadêmico pela comunidade da Universidade. Mais soltos, produzidos sem certa obrigatoriedade, às margens da produção científica, cada volume tornou-se um grande canal de expressão, divulgando as inspirações mais remotas, que para muitos nunca chegariam ao público.

No ano passado, conseguimos reunir e enviar a coleção completa do Poeta de Gaveta para a Biblioteca Mário de Andrade, na capital, que nos descobriu e solicitou os volumes restantes para completar seu acervo. Ela mantém uma das mais relevantes coleções públicas de periódicos da América Latina e integrar parte desse conjunto é para encher de orgulho, não só os que tiveram seus textos selecionados, mas todos que um dia enviaram seus textos para o programa, pois é essa participação que o mantém vivo.

*Em 2013, estão programados sete **Saraus: Prosa Et Poesia**. Como temas mensais temos alguns escritores de importância no cenário da literatura brasileira, cada tema acompanhado com um laboratório para aprofundamento teórico. O intuito é dar maior abrangência nessa área dentro das ações da Seção de Atividades Culturais do Campus de Ribeirão Preto.*

Lelo Guazzelli

Coordenador do programa Poeta de Gaveta

comissão de seleção

O tom da diversidade

*Em meio a tantas pérolas disponíveis à mineração atenta dos leitores do clássico **Signos em rotação**, do poeta e crítico literário mexicano Octavio Paz, veja-se esta: "Toda criação poética é histórica; todo poema é apetite de negar a sucessão e fundar um reino perdurável. Se o homem é transcendência, o poema é o signo mais puro desse contínuo transcender-se, desse permanente imaginar-se. No poema, o ser e o desejo de ser pactuam por um instante, como o fruto e os lábios".*

*Consideremos a reflexão de Paz bastante oportuna para apresentar o conjunto dos 36 textos selecionados para esta 19ª edição do **Poeta de Gaveta**. Marcada por uma abrangência de estilos e temas, os autores aqui reunidos parecem ter em comum, principalmente, a capacidade de partir de seus desejos diversificados para transcender, ir além, externar sua intimidade com liberdade. Essa mescla de objetivos conduz a um mergulho profundo na experiência individual para, posteriormente, emergir com força na coletividade. Um exercício propício a unir as pontas da estrada que vai do particular ao universal – caminho no qual se constrói a base de toda a literatura.*

O hibridismo dos textos dessa antologia constitui, sem dúvida, uma de suas maiores qualidades na medida em que temos aqui desde o namoro com as formas poéticas tradicionais, como o soneto, até o flerte descarado com o concretismo, passando, também, pela lírica modernista em sua segunda fase. Muitos dos trabalhos, de tom nitidamente memorialista, parecem buscar um diálogo efetivo com questões comumente vinculadas à experiência poética, tais como a identidade, o sonho, as relações humanas e, finalmente, mas não menos importante, o tempo, essa entidade tão cotidiana quanto sobrenatural, não palpável, porém perceptível, tão linear quanto ilusória e relativa. A infância, a finitude, os amores,

a família, as dores e alegrias, a realidade e a ficção, a reflexão sobre o processo de criação, a arte como vício e ofício, a escrita como instrumento de análise do passado e projeção do futuro: é a fartura da vida abastecendo a literatura. Ou seria a fartura da literatura abastecendo a vida?

Vemos ainda que, sem fugir à sina da observação apurada dos poetas, alguns textos apontam um dedo certo para o contemporâneo, seus problemas e questões mais pertinentes. Consumismo, meio ambiente e caos urbano dividem espaço, aqui e ali, com poemas que funcionam como contraponto dessas situações, ao passo que trazem à tona um quê de experiência contemplativa da natureza. Tudo, enfim, servindo de matéria para a poesia e a prosa recolhidas nesta edição do Poeta de Gaveta, que, assim como as anteriores, prima pela ousadia de dar voz a escritores iniciantes, personagens reais espalhados por repartições, salas de aula, bibliotecas e tantos outros espaços que, mais do que leitores, funcionários, estudantes e professores têm também possíveis candidatos a escritores. Homens e mulheres ávidos por uma oportunidade de transcender e de pactuar, como diria Paz, com o ser e o desejo, com a fruta e os lábios.

Quando, na juventude, Oneyda Alvarenga, a talentosa estudante que se tornaria a grande intelectual conhecida anos mais tarde, submetera a Mário de Andrade suas primeiras tentativas na produção de poesias, vemos do mestre a seguinte apreciação: "Foi enorme o progresso que você fez. Até eu me ria lendo seus versos de agora, achando graça na desenvoltura que você ganhou de supetão apenas por ter encontrado os caminhos da forma do lirismo. Uma agilidade nova, uma liberdade nova, que pôs você elástica, cheia dos gestos grandes exclamativos de quem se percebe livre de cadeias depois de muitos anos de prisão. Você me deu a sensação de potrinho novo, do novilho do ano, que depois de uma noite fechada, vê o campo adiante e desata numa disparada cheia de pulos, de felicidade, de vida. A mesma felicidade de sentir, de se sentir vivendo, de se sentir de posse de si mesma, foi a que ditou esses versos de agora".

Foi com esse espírito de entusiasmo que preparamos esta edição. A seguir, o leitor irá conhecer a reunião dessas folhas soltas tiradas, talvez timidamente, talvez euforicamente, de muitas gavetas, como fichas apostadas na procura da poesia. E, especialmente, esperamos que esta publicação venha repercutir apenas um primeiro passo capaz de possibilitar, aos poetas de gaveta selecionados, a aspiração a muitos outros voos poéticos.

Goimar Dantas é jornalista, roteirista, escritora e mestra em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), com dissertação sobre *O sagrado e o profano nas poéticas de Hilda Hilst e Adélia Prado*. Autora de livros-reportagem e biografias, dentre elas, *Cortez – A saga de um sonhador* (Cortez Editora), escrito em parceria com Teresa Sales e finalista do Prêmio Jabuti 2011. Participa de diversas antologias de poesia, sendo a mais recente: *Amar, verbo atemporal – 100 poemas de amor*, lançada em 2012 pela Editora Rocco. Em 2011 publicou o infantil *Quem tem medo de papangu?* (Cortez Editora). No momento, finaliza o livro-reportagem *Rotas literárias* de São Paulo, a ser lançado pela Editora Senac São Paulo.

goimar@uol.com.br
www.goimardantas.com.br
http://poesia-potiguar.blogspot.com

Marcos Sosa é mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com dissertação intitulada *A milonga no redemoinho da canção popular: Bebeto Alves e Vitor Ramil*. É graduado em Letras pela mesma instituição e possui formação em Teoria Musical pela Escola de Música da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Publica resenhas, crônicas e artigos em jornais e revistas. É professor de língua portuguesa e de literatura brasileira e dedica-se, ainda, à música popular, como violonista. Tem experiência na área editorial, na qual já produziu numerosos periódicos especializados como editor, redator e revisor em Porto Alegre e em São Paulo, onde atualmente está radicado.

marcos.sosa@ymail.com
www.marcossosa.pro.br

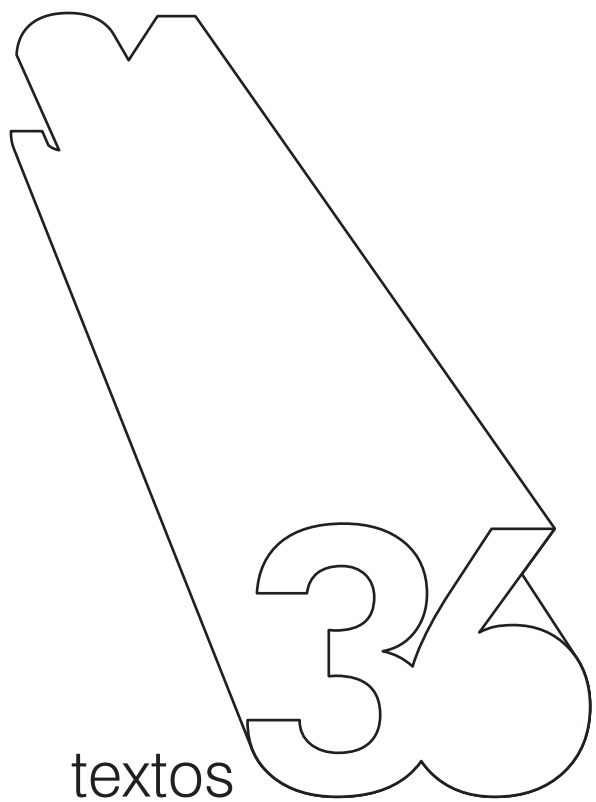
sumário

- 23 » Genealogia / *Adilson Roberto Gonçalves*
- 24 » Autorreflexões / *Adilson Roberto Gonçalves*
- 25 » A Ferreira Gullar / *Adilson Roberto Gonçalves*
- 26 » Impermanência / *Rodolfo Lopes*
- 29 » Irmãos / *Roque Pinho*
- 31 » Contratempo / *Roque Pinho*
- 32 » Réquiem desafinado / *Camila Silveira Stanquini*
- 34 » O artista / *Monyque de Souza Reis*
- 35 » Garotinha sonhadora. Quem era ela? / *Livia Tieri Kuga*
- 37 » Tenho que cuidar... / *Alexandre Almeida Magalhães*
- 38 » Em segunda pessoa / *Janaína de Godoy Gonçalves*
- 39 » Maldito és tu... / *Janaína de Godoy Gonçalves*
- 40 » Alienação mental / *Fernanda K T Mishima Gomes*
- 41 » Paraíso em Zaragoza / *Clélia Camargo Cardoso*
- 44 » À vista / *Milena Shimada*
- 45 » Um ou dois contos / *Milena Shimada*
- 46 » Retrato de um dia / *Paulo Henrique da Silva Lopes*
- 49 » Adia / *Paulo Henrique da Silva Lopes*
- 52 » Reconhecimento / *Paulo Henrique da Silva Lopes*
- 54 » Sertão de Aciriris / *Bruno Lovetro*
- 55 » Soneto pra um poema morto / *Bruno Lovetro*

- 56 » Terra rossa / *Bruno Lovetro*
- 57 » Fraseologia do id / *Leka Valim*
- 58 » Avalanche / *Leka Valim*
- 59 » Máscara de pepino / *Leka Valim*
- 60 » Permutando estares / *Ricardo Salles*
- 61 » Desbloqueio / *Ricardo Salles*
- 62 » (Monólogo com o tempo) / *Fernanda Machado*
- 63 » (O instante da mágoa) / *Fernanda Machado*
- 64 » A pintura / *Annecy Tojeiro Giordani*
- 65 » Acontece / *Annecy Tojeiro Giordani*
- 66 » Entremeio / *Patrik de Oliveira Aprígio*
- 67 » Fast! / *Patrik de Oliveira Aprígio*
- 68 » A graúna e o carcará / *Cleiton Assis*
- 69 » Sábia sabedoria / *Yuri Michelin Rodella*
- 70 » O diploma de meu avô / *Douglas Farias Cordeiro*



autores



genealogia

(ab initio, finis)

Adilson Roberto Gonçalves

Cromossomos
cromo somos
(cor) são
 coração.
cromos somos
crimes são
 vidaemorte
cromos, figurinhas
 álbum, algum
cremos, somos
 (fé) são
 feição.
cromossomos
cromo sois
 como?
cromo somos
croma coma
creme são
 cremação

autorreflexões

Adilson Roberto Gonçalves

Reflito-me em tua negra íris
dissolvo-me nas poucas gorduras
para ouvir o muito que dizes
para saber o quanto me aturas.

Oxida-me teus ácidos odores
reduzo-me a meros devaneios
para redescobrir antigos amores
perdendo-me em teus fartos seios.

Carregando-me em elétrica tomada
opõem-se sinais positivo e negativo
vejo-me neutralizado, um nada.

Pressuriza-se esse convívio – ativo?
não! sabe-se que a troca está toda parada:
sinto-me não estar mais vivo.

a ferreira gullar

Adilson Roberto Gonçalves

Leio-te pouco
 (trâmite louco)
Escrevo-me algo
 de pêsame, salgo
pêsame sabemo-nos egos
átonos, cegos.

Minerais não têm cheiro
de pouco voláteis que são.
Ao menos não incomodam.
De mais, embriaguez,
apesar da frieza
doce, ácida,
lembrando da tangerina descascada
sobre a mesa.

Adilson Roberto Gonçalves

EEL (D) • "Participei de edições anteriores do Poeta de Gaveta e de outras antologias."
priadi.blog.uol.com.br

impermanência

Rodolfo Lopes

E
aqui
estou eu
achando que
tudo me pertence,
que posso usar de tudo;
e esqueço-me que sou apenas
um passageiro dentro de um trem
que passa... ligeiro como que,
só me deixando entrever
as coisas passando
ligeiras lá fora
pois tempo
não há,
é

E
aqui
estou eu
achando que
tenho todo o tempo
nas mãos. E esqueço-me
que a vida é impermanência,
é desfrutar intensamente
cada momento dela
como presente
recebido.
E vida
é

E
aqui
estou eu.
Ali, um muro.
A trepadeira o esconde.
Suas folhas lembram pessoas,
apenas unidades perdidas na multidão.
Se uma delas ousa sair do plano,
para libertar-se, aparecer,
então o jardineiro
vem e decepa:
Morto
não
é.

Rodolfo Lopes

EEL (F) • "Estive presente em muitas antologias e concursos. Recentemente publiquei meu livro, "Ciclos, momentos, recomeços". "Só quem é poeta consegue usar das palavras para registrar uma emoção, um pensamento..."

rodolfoledes.net

irmãos

Roque Pinho

Explode em três pupilos
A força dos encontros geradores.
Cresce a saudade de tempos vividos,
Cresce a vontade de ainda estar
Sorrindo, brincando.

Quer ser menino, quer ser faz-de-conta.
Quer nunca ter crescido
E a energia infantil...
Quer o mundo, como antes.
Acordar pensando em brincadeiras,
Acordar sem pensar em futuro.
Pensar em presentes: temporais, táteis.

Na lembrança, ele, eu e ela...
Brincam, eternamente, os três na varanda,
Uma banda toca no rádio:
— *She loves you... yeah.*
Brincam de famílias, de aventuras,
De tudo.
Brincam de serem mais fortes, mais criativos.
Realmente, acabam se tornando,
Sob a proteção materna da inocência.

Três estrelas pequenas
De luminosidades distintas.
Estrelinhas que se apagarão,
Mas que brincaram,
Que foram luzentes,

Que são luzentes,
Que serão luzentes
Na penumbra da memória de alguns,
Na própria inexistência de estrelas.
Umas para as outras,
Na indefinida lógica do universo
De ter que ter havido aqueles laços.

contratempo

Roque Pinho

*"Contenção... motivação... Comportamento estreito,
Limitando, estreitando exuberâncias,
Pisando sensibilidades."*

do poema "Minha Infância (Freudiana)", de Cora Coralina

com olhos amanhecidos
de aurora matizada
pelo vermelho das maçãs do rosto
(num outono eterno)
e outras cores do pensamento
acordou

disse o que estava em si
coisas misteriosas
assim, como cheiro de mãe
frio na barriga
estrela cadente

coloriu o sorriso então
com nuances de pronúncias
que supunha existirem
sorriu ensolarado
e por fim existiram
lábios de verão

mas disseram-lhe trovões
escureceu-se
gelou-se de inverno
e dormiu novamente
com olhos chuvosos
sonhando neblinas.

réquiem desafinado

Camila Silveira Stanquini

Já era tarde. Mais uma vez não conseguia dormir. Em sua cabeça, reviravoltas, pensamentos, rodamoinhos de emoções. Sozinho, na companhia de Bukowski. O último copo era virado antes de, sem pensar duas vezes, atirar-se ao chão, envolto pela melancolia desregrada. A maciez da sarjeta conforta aqueles que encontram nas ruas escuras e vazias seu lar.

Rimbaud já escreveu suas últimas linhas; mais um cigarro prestes a se apagar. Tubérculo imoral, despejava através do sangue cada gota da honra que um dia prevaleceu na face outrora iluminada pelo sol das manhãs. O cheiro de vinho barato que exalava seu hálito, rude epicédio de uma existência melancólica. As horas demoram a passar. Tão longas... Tão longas... Tão longa sua dor...

O whisky queima as feridas em sua língua. Feridas em sua boca... Queima com a dissimulada tentativa dos alcoóis de aquecer o que resta de seu coração. Sem ilusões, aqui não falo de sentimentos ou decepções, falo da matéria em si que insistentemente teima em pulsar em seu peito. Está podre, por dentro e por fora, e esteja o coração, dentro ou fora, digo que já não há o porquê.

Mais uma garrafa partida em pedaços, como os pedaços que antes refletiam seu ser. Ser monótono e ingrato! Não há mais volta, ele diz. Se na vida tanto em vão tentou encontrar-lhe um sentido, talvez na morte este lhe acolha e console.

Já não pode mais acompanhá-lo, caro Byron, em suas impressões. Sequer o vislumbre cósmico seria capaz de resgatar um único pensamento seu hoje.

Os bueiros, os buracos, os ratos. Até mesmo os ratos fugiam de si. Caído ali, inanimado. Sem uma única estrela no céu a observar a decadência existencial sob sua magnitude. A chuva cai incessantemente sobre seu rosto. O vento

corta sua pele e a umidade penetra como se lá não existisse nada. Não há. Frio como uma serpente, era aquela que se perdeu antes mesmo de corromper Eva. Não tem salvação. Não quer. Tudo o que pedia era que apagassem a luz e saíssem antes que a última música acabasse...

– Maldita Fada Verde! Se fosse púrpura, pareceria-me mais ingênuo...

o artista

Monyque de Souza Reis

O tom, o timbre, o ritmo, a musicalidade.
O som inerte e melódico que grita a verdade.

A excitação está presente,
mascarada em notas musicais,
poemas e crônicas em jornais.

Um toque, dois, uma nota ou mais, tanto faz.
Vazios indiretos, quase plenos,
demonstrando sentimentos reprimidos em a4,
telas, instrumentos ou representações.

A arte é o artista,
não existe definição ou razão,
apenas uma expressão vaga pelo incerto,
completo e real,
revelando como tal vive,
muda, ama, sofre.

A arte é o artista,
que risca, apaga, capricha,
oculta e ignora o seu ponto de vista.

Monyque de Souza Reis

FZEA/Engenharia de Alimentos (A) • "Não tenho obras publicadas, mas escrevo para definir o indefinível, relendo tudo em frente ao espelho."

garotinha sonhadora. quem era ela?

Livia Tieri Kuga

Era uma vez uma garotinha sonhadora. Ela não tinha grandes metas de vida, apenas de sorrir todos os dias. Ela não precisava saber de nada. Ela era visivelmente feliz. Um dia, perguntaram-lhe quem era ela. Então, ela percebeu que não sabia quem era ela. Quem era ela? Ela descobriu que nunca soubera quem era ela, nem exatamente quais eram seus sonhos. No entanto, não queria dizer que ela não sabia de nada. Ela não sabia de quase nada, mas de uma coisa ela sabia: ela sabia que não sabia quem era ela. Sabendo disso, sorriu. Mas, logo virou a cabeça para o lado direito e se olhou no espelho. Fez caretas, sorriu, apalpou o rosto, esticou-o. "Isso sou eu?", questionava ela a ela mesma. Não, isso não era ela, eram faces do que ela poderia ser. Então, olhou para suas próprias mãos, mexeu seus dedos, seus punhos, apalpou-se, cumprimentou-se. Sorriu. Entretanto, sabia que aquilo também não era ela. Sentou-se no chão de pernas cruzadas. Virou a cabeça para o lado esquerdo. Quem era ela? Apoiou o cotovelo no joelho e colocou a mão no queixo, olhou para o horizonte. Começou a pensar na estátua do Pensador. Começou a rir, pois achou engraçado se comparar a uma estátua. Colocou a unha do dedão da mão esquerda na boca em sinal de angústia. Quem era ela? Lembrou-se que não queria mais roer unhas e tirou a unha da boca abruptamente. Tentou se lembrar do que diziam que ela era. Lembrou-se da mãe dela chamando-a: "filha, venha aqui!" ou do pai dizendo: "garota esperta!" e de outras tantas declarações do que achavam que era ela. Bah, ela não sabia quem era ela e sabia que tinha se esforçado para tentar saber. Os dias se passaram e ela parou de tentar saber todos os dias quem era ela, embora essa pergunta sempre a permeasse inconscientemente. Escrevia poemas, historinhas, porém nada relativo exatamente a pergunta que a fazia roer as unhas que não queria roer. Anos se passaram, ela esquecerá que já fora uma garota sonhadora. Ela não sabia quem era nem quem fora.

Meu Deus, quem era ela? Era feliz sim, mas uma felicidade diferente daquela menininha sonhadora. Era uma felicidade madura de alguém que não sonhava como antes, mas que tinha respostas prontas. Não porque elas estavam prontas, mas porque as experiências faziam-na ter certeza de coisas que não eram, necessariamente, certas. Noutro dia, deparou-se com uma placa "Quem é você?". Ela tinha respostas prontas... no entanto, para essa pergunta, ela não sabia mesmo. E lembrou-se que sabia que não sabia e sorriu com o canto direito da boca. Um sorriso tímido de alguém que esquecera o quanto já havia sorrido. Voltou correndo para casa, olhou-se no espelho novamente. Mexeu em seu rosto inteiro, sem tirar o sorriso grande que surgira desde aquela "repergunta". Esticou a bochecha, fez caretas. Gargalhava. Ela não sabia quem era ela! Olhou para as mãos e mexeu como antes. Pulou! Pulou de novo! E sentou-se. Tentou reproduzir a estátua do Pensador, caiu no chão, pois estava elétrica. Riu de novo. Ela se reencontrara e nem sabia quem era ela. Era dessa felicidade que precisava, dessa felicidade de menina sonhadora. Ah, ela sabia... ela sabia quem era ela, ela sempre soubera... Ela só descobriu que não era possível colocar em palavras e em pensamentos. Quem era ela? Sentimentos, sensações, atitudes, que se colocadas em palavras, não seriam mais ela, apenas palavras...

Alexandre Almeida Magalhães

Tenho que cuidar
Dos olhos, do coração
Do que tenho e sou

em segunda pessoa

Janaina de Godoy Gonçalves

Ela me observa com desconfiança,
me acha perdida.

Com um olhar julgador,
me convida para ficar em seu mundo.

Lá é tranquilo, maior, bonito e branco.
Mas ela é triste, aparenta ser mais velha.

Quem é você? — digo.
Por que me olha?

Às vezes, me vejo em segunda pessoa
num mundo levemente distorcido pelas imperfeições do espelho.

Janaína de Godoy Gonçalves

Maldito és tu
Que me atormentas em meus pensamentos
Atiças minha fúria
Me fazes perder-me em meio
À tormenta de minha vida.

Essa tormenta que me atormenta
Com seu jeito singelo,
Por incrível que pareça
Nessa noite de neblina que me corta a pele
E apaga a lua cheia.

Cheia de sons indecifráveis
E calafrios de instante
Tudo por não saber quem és tu
Que me atormentas sem saber
Que pela tormenta sinto um tormento do corpo à alma
Porém, sem medo.

Porque sei que meu coração
É quente o suficiente
Para aquecer meu corpo de dentro para fora
E anestesiar-me de tal forma
Que faço de sua tormenta
Uma simples tempestade em copo d'água.

alienação mental

Fernanda K T Mishima Gomes

Deprimente. Depri-mente.
De-primente. De-premente.
Prima por surgir... da falta, da ausência,
do nada.

Sentir a morte.

VAZIO.

Sentir o nada.

Ser o nada.

Nada que cria, que transforma.

Trans-forma, do nada para o alie-nada.

Criação vazia.

Nula. A-criação.

De-privação.

Vesânia.

A-mente. De-mente.

Morte... mente.

paraíso em zaragoza

Clélia Camargo Cardoso

Encontraram-se por acaso em Zaragoza.

Eram brasileiros viajando ao exterior. Conheciam-se dos tempos da faculdade.

Já haviam trocado alguns e-mails. Mas fazia tempo que não se comunicavam.

Ambos estavam acompanhados pelos esposos. Ele comemorando dez anos de casamento. Ela em lua-de-mel.

Portavam máquinas fotográficas, usavam óculos escuros, calçavam tênis, vestiam shorts e camisetas. Fazia calor, 40 graus, na cidade entulhada de turistas nessa época do ano.

Luiz observou com curiosidade o corpo de Clara.

Estava mais gordinha, mas bonita como quando a conhecera.

Eduardo, psicólogo e marido dela, mantinha-se discreto, quase ausente.

Parecia não querer ser incomodado.

Gema, a esposa de Luiz, esforçava-se para ser gentil e comandar o grupo recém-formado.

Dirigiram-se ao restaurante mais próximo.

Estavam ávidos por um líquido.

Pediram cerveja, apenas Eduardo preferiu água tônica.

Não que estivesse de ressaca, apenas preferiu não ingerir álcool àquela hora.

Talvez não quisesse se expor.

Como os dois casais sentaram-se de frente um para o outro, as pernas dos dois amigos se encontraram. Isto causou calafrios a Clara, visivelmente embaraçada.

A comida demorou tempo suficiente para colocarem as notícias em dia.

Como Gema não fazia parte da turma da faculdade, procurava se integrar à conversa falando sobre os filhos que deixara no Brasil, mostrou fotos no celular.

Clara interessou-se. Tinha curiosidade por tudo que dissesse respeito ao belo colega.

Naquela época não chegaram a flertar porque ele já era casado.

Somente agora percebia o quanto aquele homem a atraía.

Eduardo fazia questão de ficar indiferente à conversa, folheava revistas sobre decoração que já se encontravam sobre a mesa.

Finalmente a comida chegou. Saborearam um delicioso cordeiro acompanhado de salada regada a azeite extravirgem, produção local. Dispensaram café e sobremesa, estavam exaustos.

Voltariam aos respectivos hotéis. Trocaram celulares e endereços. Despediram-se calorosamente.

Gema se interessou por Clara. Fez inúmeras perguntas ao marido as quais ele respondia enfadado.

Preferia pensar na bela amiga e como poderia se aproximar dela.

Afinal, ela correspondera a suas carícias por debaixo da mesa.

Ao se despedirem, ela também apertou sua mão de um modo especial. Não tinha dúvidas.

No hotel tomaram um banho demorado. Gema deitou-se e adormeceu.

Foi o suficiente para Luiz pegar o celular e ligar para a amiga.

– Clara?

– Sim.

– Acho que esqueci minha carteira sobre a mesa do restaurante. Vocês viram alguma coisa?

– Não, não vimos nada. – Já percebendo a manobra dele.

– Ok, vou ter que dar um pulinho até lá. O que vocês estão fazendo?

– Eduardo está no notebook checando e-mails e colocando o trabalho em dia. Eu assisto TV.

– Não quer me encontrar daqui a 15 minutos?

– (gaguejou) Acho que sim...

– Vou tomar um táxi. Te pego na esquina do seu hotel.

– Aonde vamos?

– No restaurante procurar a carteira, ué!

Riram do tom engraçado dele. Seria mentira ou verdade?

Luiz raciocinava rápido. Como encontrar um motel em Zaragoza?

Sabia tudo sobre monumentos, museus, parques, mas motéis, meu Santo Antônio!

Deixou um bilhete para a esposa sobre a cabeceira da cama e saiu de fininho.

Clara disse ao marido que tinha um assunto para resolver fora do hotel, precisava encontrar uma lembrancinha para a avó.

– Tudo bem. Depois conversamos. – Respondeu distraído.

Dirigiu-se ansiosa à esquina. Ele já estava lá, fora do carro, esperando-a em pé.

– Entre. – Abriu a porta. Já começando a beijá-la.

– Espere um pouco, aonde vamos?

– Ao Paraíso! – Continuou a procurar seus lábios.

Ela desistiu da resistência. Entregou-se aos braços do sedutor.

Jamais esqueceriam o *affair* na Espanha.

Suas vidas continuaram mornas do jeito que estavam antes.

Mas agora havia lembranças picantes trazidas junto à bagagem da viagem.

Clélia Camargo Cardoso

CIRP (F) • "Comecei a escrever há quatro anos. Recebi menção honrosa em 2009 no IX Concurso Literário Prêmio Cleber Onias Guimarães. Tive dois contos publicados nas edições 16 e 18 do *Poeta de Gaveta*."

clelia-escritos.blogspot.com.br

à vista

Milena Shimada

compro, vendo.
mas vida? não vejo
vem tanto desejo
sobre-vivendo
e na falta do beijo
sobra vazio.

Milena Shimada

FFCLRP/Psicologia (A/doutorado) • Participação no *Poeta de Gaveta 18*.

[flickr.com/flor-da-pele](https://www.flickr.com/photos/flor-da-pele/)

um ou dois contos

Milena Shimada

se convém
é um conta, desconta,
palavras em desconto.
desencontro?

se com-vem
dois não se contam,
se encantam.

(e se não,
desencana!)

retrato de um dia

Paulo Henrique da Silva Lopes

Um gato no sofá
Dita as ordens do dia.
Ronrona pelas reentrâncias do
Estofado jeito de sentir-se farto.
Farto com a televisão desligada,
Tudo bem,
Ela sorrateiramente reflete o seu conforto
Em sua tela preta
Em seu filme real;
Essa é a programação do dia...

Do sofá
Os entulhos do canto da parede
São como pensamentos deixados pra depois.
E as visitas já não se sentiriam constrangidas
Caso um momento de silêncio fosse feito.
Foi dito e feito!
O pouso da pausa passa e tudo, enfim,
Como o dia passa pelos pêlos dum gatuno distraído.
Faz-se eterno esse final de tarde
Que entra pela janela da sala
A iluminar o tampo liso da mesa de madeira clara.
O gato espreguiça.
A nuvem se transforma pela sombra.
Uma mosca bate no vidro.
A estante cumpre seu papel de organizar.
A xícara
De café matinal,

Usada e abusada e largada no instante
Repousa suas asas,
Dissonante peso que pede os lábios.
Marcas de café em sua boca.
Tudo ali,
Memórias, histórias, ilusórias
Sensações de dissonância.
A xícara olha para o gato.
A mosca insiste.
Tudo alheio compõe a cena do capítulo.

O gato pisca.
A luz do poste também.
É noite.
Só uma fresta pelo horizonte
Ilumina o mundo, vinda do corredor.
E por mais que se feche os olhos,
Ainda estará lá,
Até que o incômodo jogue uma camisa usada
E tampe logo essa claridade.
O gato se senta.
A mosca já não se sabe por onde pousou.
A nuvem ficou laranja de luz urbana.
Boceja e pisca demoradamente.
Novamente pisca o poste;
Com defeito.
E toda história recomeçará
Com o singelo suspiro de seu dono,
Servo de seu trabalho social,
Que chega cansado de um dia conturbado.
Barulho das chaves procurando um alívio.
O gato abre as pupilas.
Uma mão serpenteia pelo breu e encontra
Um interruptor interrompendo a sua busca.

O gato já no chão,
É passado para trás ao sair da mira
De uma pasta executiva que toma seu lugar no sofá.

A pasta se conforta no estofado
De uma maneira na qual o gato nunca sonhou estar.

Paulo Henrique da Silva Lopes

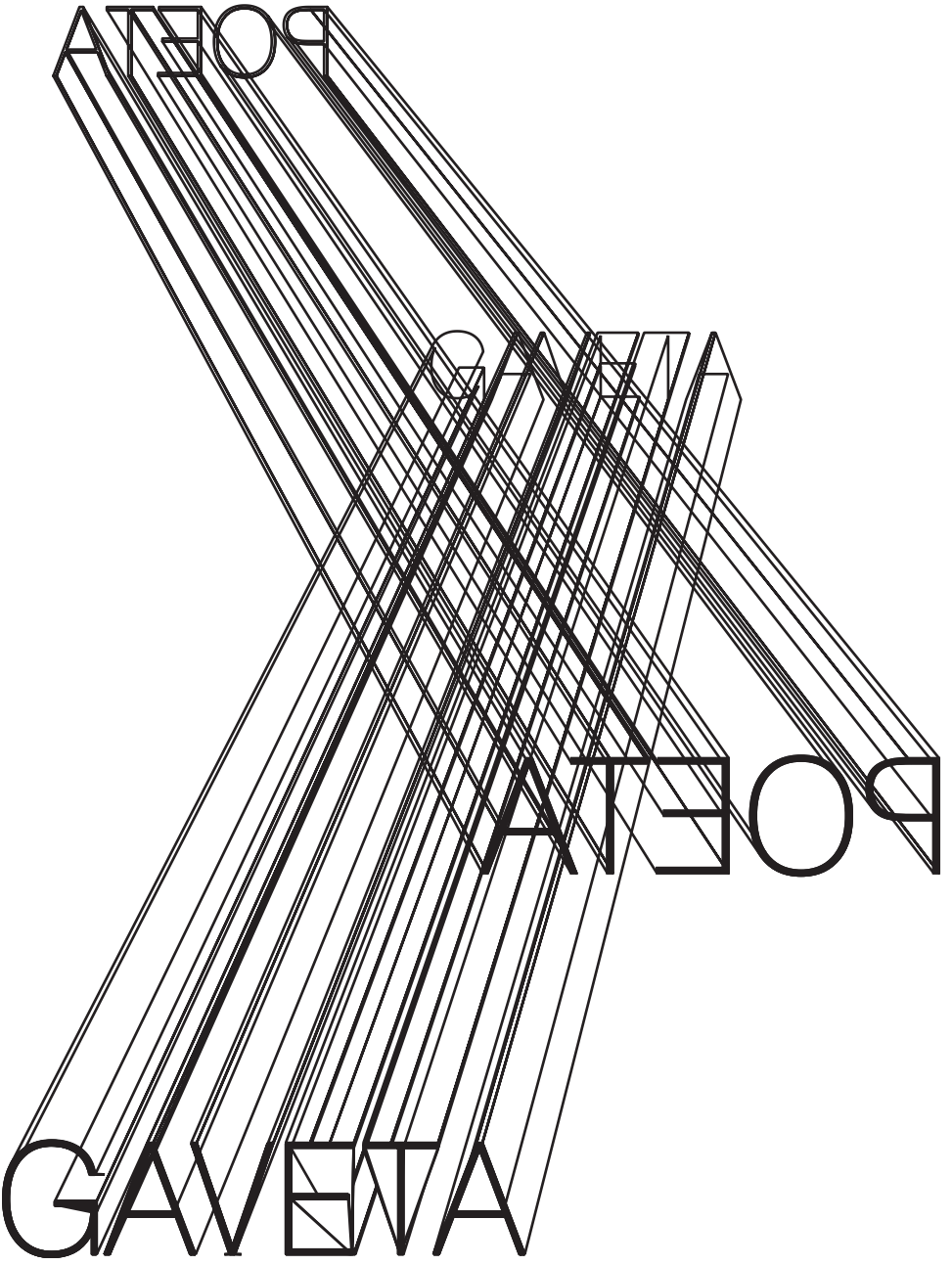
FFCLRP/Biologia (A) • "As ideias me vêm como cães a esmo na rua: de onde vêm, não importa, se vão. E uma plenitude literária me invade como se a responsabilidade de existência me fosse delegada com pães nas mãos, colhidas. Independente das coleiras perdidas, eu, como um guia, passo a fomentá-las. Tenho alguns poemas publicados em concursos, inclusive no *Poeta de Gaveta*, edições 17 e 18."

omundopeaga.blogspot.com

adia

Paulo Henrique da Silva Lopes

Há dias que tudo cai bem.
A manhã é clara,
Os cadarços não se desamarram,
As pessoas sorriem,
E o ar é saudável.
Há dias que as roupas brancas no varal
parecem acusar o sussurrar de um vento leve e livre...
Há dias que não se pode reclamar do dia.
Os carros passam sem euforia, calmos.
Cigarros de palha no fim de tarde...
Um fôlego; tarefa cumprida.
Há dias que amanhecem plácidos e decorrem justos.
Há dias que seria fácil almoçar com deus.
Há dias que nem parecem que acabarão,
pois deles,
de sua perfeita perfeição,
até a morte cairia bela.





reconhecimento

Paulo Henrique da Silva Lopes

Olá. Não sei quem é você, já vou avisando. Não sei quantas experiências, nem quais, de vida têm vivido nos seus desconhecidos anos numéricos. Quando aprendeu a ler? Não sei seu nome, não sei sua identidade, não sei sua aparência. Não sei quem lhe deu, o dinheiro, este livro – não sei nem se comprou minha ideia... Não sei o que esperava de mim, ou se não esperava nada – eu é que esperava ser lido, talvez. Não sei com quais autores serei comparado e/ou refutado. Não sei se seu intestino trabalha bem, ou se seus pais ainda vivem. Tem emprego?

Desse monólogo de dois, só saberei caso venhas a mim um caso bem esclarecido – a resposta, literária. Não sei se tudo isso faz sentido. Mas devo dizer, mesmo não sabendo de você, minha vida não faz sentido algum. São fragmentos de espasmos e de encontros na multidão. Sou um. Mas quanto a você, não sei quem são. Não sei se está amando alguém ou armando contra alguém. Não sei se falou bom dia algum dia, acordou de mau humor ou se perdeu a hora; espero que tenha acordado. Não sei quem está ao seu lado enquanto decifra a ignorância deste presente texto. Há alguém do seu lado? Dê só mais uma olhada pra se certificar; saiba que eu poderia estar... Quem mais ousaria se sentar com um desconhecido e abrir a sua intimidade como uma vagina sem pudor, imagina! Este livro o faz... Mas sou homem, filho de Adão, em extrema comunhão com o perjúrio dos sexos: você é também um renegado do Éden? Vê? Nem sei ao menos adequar o sexo de minha palavra: renegado, renegada, talvez, ó ser andrógino de minha cegueira.

Mas independente dos saberes, não sei bem aonde quero chegar nesse texto – não se decepcione. Talvez seja só um pretexto para nos conhecermos; pois não saberia fazê-lo caso estivesse sentado ao seu lado em um ponto de ônibus,

por exemplo, e da coragem, a vergonha me impedisse de perguntar o seu nome e dizer que nada sei sobre você, mas gostaria; como está lindo o dia!

As aparências enganam. Os números soletram. 206, entro no circular e a linha me leva longe do que se faz agora. É aquilo que ninguém sabe. Mas permite que descubram? Não sei se essa parte que me mostra condiz com a minha ignorância mesmo. Talvez tenha só pensado em não te perder. É, não sei, mas acho que já estou começando a me apaixonar por você. Amor à primeira lida. Seus olhos percorrem essas linhas com uma exclusividade atônita: a pessoa que me leu há algum tempo atrás, traiu-me e nem sequer me deu a chance de eu me declarar. Parou no segundo parágrafo; eis o que chamam de libertinagem. É triste ser traído por alguém que nem se sabe quem. Mas você é diferente, eu sinto enquanto escrevo isso. Hoje é dia oito de junho de 2012, e nem sei em que tempo você está; mas me contento, asseguro-me que resisti aos dias. Pegou esse texto com a mesma inércia de quem julga que tempo há para se perder lendo alguém desconhecido. Fui vencido. Seu olhar, o jeito em que acaba de passar a página; sinto-me tocado. Mas não me troque com um mero meio vulgar. Eu sei o seu lugar, pois já estive (e estou) em seu papel (em branco).

Começo a achar uma graça reconfortante, de nossa situação, e nem ao menos sei qual é o seu senso de humor. Será que para um sorriso basta um estímulo? Não sei como são seus dentes escondidos dentre seus lábios. Seria capaz de sorrir a um texto, sem pretexto? Vamos, não ostente a timidez, estou sorrindo também, como quando vejo alguém que nunca conheci, mas estou bem... é mesmo uma graça essa nossa situação, mas creio que devemos solucioná-la o quanto antes. Você aí e eu aqui. Como faremos? Não que eu queira algo a mais, não! só por não saber nada de você não quer dizer que eu o queira; eu só digo... começo a me enrolar. Por que está em silêncio? Só eu falei até agora! Vamos, adote uma postura digna, ó pessoa indigente! Quero escutar... o seu silêncio. Que som tem a voz de minhas palavras em sua mente enquanto as lê? O pensamento lido tem uma voz, mas você não reconhece a minha; arrisco eu ser a sua própria. No fim, não estou dizendo nada e, portanto, enquanto texto, sei de tudo sobre o que afirmo não saber. Sou você em palavras viajando pela própria curiosidade e imaginação.

E só agora entendo quando dizem que o livro é um espelho...

sertão de aciriris

Bruno Lovetro

O avesso da minha palma
que toca minha mão por dentro
e o avesso dele que apalpa
quando não mais pensamento

te afagam de dentro a fora
feito corrente de tempo:
palavra,
que tinta outrora
fonema,
que agora vento

Tem nada mais emergente
que o broto desse chamego
que mata a chama na enchente

da chuva que chove dedo
que medo nem mais se sente
em quem d'água antes tinha medo

soneto pra um poema morto

Bruno Lovetro

Um poema, ainda mudo,
quando ainda não falange
quanto menos ainda pulso
por não lhe pulsar meu sangue

fala, sem falar, de tudo
tatibitate e irritante
na ponta da pena surdo
cego no papel perante

fala e tropeça na fala
topa de cara e se míngua
rola boca abaixo e para

morto na ponta da língua:
uma prosa se deflagra
um soneto volta e vinga

terra rossa

Bruno Lovetro

No meu mundo a gente tinha que pedir pra nascer.
Tinha que fechar os olhos pra sentir o cheiro d'água.
No meu mundo a gente tinha data pra morrer.
Pra morrer, no meu mundo, a gente tinha que se entregar:
tirar a camisa, o sapato, o chapéu, deitar no chão,
/ fechar os olhos e esperar.
No meu mundo não tinha dor, nem fome.
Não tinha ódio, nem rancor, mas também, no meu mundo,
/ não tinha amor:
nem de mãe, nem de filho, nem de namorada, nem de nada.
No meu mundo não fazia frio, nem calor.
No meu mundo não tinha fraco, nem forte,
/ e também não tinha o medo da morte.
Não tinha lágrima, nem poesia no meu mundo.
Não tinha mendigo ou vagabundo, tinha só trabalhador.
No meu mundo toda moça era bailarina,
/ e eu não sabia o que é saudade.
No meu mundo não tinha tristeza, nem felicidade.
No meu mundo não existia Carolina.

avalanche

Leka Valim

Quando não há mais coesão
e há partes se degradando sozinhas,
sinto a entropia a me desabar por dentro.

Por mais ignorada a confrontação,
equilíbrio eterno é ledão engano
o melhor a fazer? desfazer no ar.

Chega tal nível o vaso, que fracionado
já não vinga mais reparo, tal qual
rasoura tola de bola de papel.

Triunfo vem da morte do velho organismo
reorganizado em nova energia.
Que delicadamente tudo se desintegre, menos eu.

A me imobilizar,
tenho [en]cantos e temo consertos.
Abro as mãos, e compreendo, então:
libertar[-se] é feliz e certo.

máscara de pepino

Leka Valim

Um rosto de inexpressão vítrea reluz como uma maçã do amor. Tem uma camada a mais de receio, uma camada a mais de indiferença. Talvez um quê de imobilidade.

Por dentro, uma vontade presa à camisa de força. Neuras que não cessam. Maniaquismos de arregalar os olhos.

Cada um desses impulsos gera micromovimentos, espasmos faciais a trincar a espessa epiderme artificial protetora. E na pele deixada frouxa e demarcada, a proteção agora é mais frágil e menos eficiente. A preocupação é visível. A paranoia brota.

Em frente ao espelho, esfrega as pontas dos dedos em busca de falhas para abertura. Um pedaço se solta, já não há mais disfarce. Puxa a camada que a muito custo sai, arrancando células e desvelando desgostos. Limpa e quase nua, a desproteção pronta a sedimentar uma nova decepção por sobre si.

permutando estares

Ricardo Salles

permutando estares,
fadamos cantados
nesses pontos sentilantes e estrelejados,
chamados a (parentemente) perecer
entre seus pares familiares,
ora planetas, ora cometas,
astrofisicamente desconhecidos.

eu poisque deveria saber,
resto agora desde a infância resignato,
relvamente estirado,
mirecionando encantado
a este eternitente estempaçado,
assim mesmo, confundido,
entre o visto e o possibilizado.

assinal, sempre será tema das nossas humanicências
os que esmagam e espalham nosso estar,
mesmo que a soberbância dos meus pares símilicos
entendam por terminados tipos tão assuntuosos,
como o infinito, os sentimentos,
nós mesmos
e o desuniverso entre os meus dedos.

desbloqueio

Ricardo Salles

nuncaminho paralelepídico desbloqueado...

certavez, certavoz
cala rua, cala beco,
cala boca, cala beijo,
calabouço: cala e ouço.

falar necessar-se.
então letramente tropeçamos
num tapete palávrico
de entrada: — bem-findos —.

metralinguagem!
não meça minhas verbades
com olhos dicionáricos,
mentidos a bons leitores.

antesseja a inociência,
buscante do que nos falsa!
sem nada de ressencimentos,
estatuaremos pedramente humanos!

... numavia transversídica descolhas.

(monólogo com o tempo)

Fernanda Machado

Que rapidez,
Que pressa!
Por que passas tão rápido?
Por que não me deixas falar?
Por que duras tão pouco pela manhã, se és tão lindo?
Por que não se apressa quando mais preciso de ti?
Por que nunca me respondes?
És surdo?!

Por que esta velocidade outra vez?
Não vês quão lindo o céu azul?
Por que me ignoras?
Se soubesses o quanto de ti necessito...

Por que me queres sempre mais,
Se me dás tão pouco?
Por onde andas em meus momentos de prazer?
Por que tens o dom de atenuá-los?
Por que me apareces quando é o que menos preciso?
Por que me massacras com tantas cobranças?
Por que foges do silêncio?

...

Por que não me respondes?
És surdo?!

(o instante da mágoa)

Fernanda Machado

O medo arrebenta-me por dentro,
A insegurança o ajuda a pôr pra fora...
Fora os reais sentimentos de dentro,
Todos os outros que estão cá fora...

Se dentro de mim orgulho não houvesse,
A incerteza do talvez não estaria lá fora,
A insatisfação do "por que" não caberia aqui dentro,
O conteúdo de dentro não choraria, mas chora.

Se por fora incólume parece o dentro,
Adentra neste dentro que se esconde agora,
Enxerga a dor da mágoa que veio de fora,
Mostra este sentimento de fora pra dentro.

Fernanda Machado

FMRP/Fisiologia (A/doutorado) • "Sempre gostei de escrever, mesmo que na forma mais 'rústica', mas meu currículo na área literária ainda é um embrião."

a pintura

Annecy Tojeiro Giordani

Íngremes, imponentes como os mares
Montanhas salpicadas de delicadas flores
Desenham tortuosos caminhos, corredores
Percorridos e seguidos por muitos olhares.

O que dizer do contraste entre sombra e luz,
Do pincel que desliza na tela o sentimento
Encostando as montanhas no firmamento?!
É o artista que inspirado o conduz!

A liberdade de criar tornou-se imperiosa.
Retrato da terra semeada pela natureza
Exuberante em toda sua grandeza!
Que bela paisagem! Pintura harmoniosa.

Na tela, muitos tons e entretons estão.
O resultado encanta a todos nós.
Mãos souberam falar sem ter voz.
Coração soube escrever sem ter mão.

acontece

Annecy Tojeiro Giordani

A criança africana sacia a sede no rio
E no espelho d'água seu corpo é refletido.
No Polo Norte, o alpinista destemido
Escala íngreme geleira no intenso frio.

Se retirar-se, ao ermitão é condição imperiosa,
Muitas comunidades no mundo convivem bem.
Na Ásia, há corais e mares azuis, mas além,
É possível contemplar uma flora majestosa!

Há lugares cujo luar inspira a prática do amor.
No Oriente Médio, guerras causam destruição.
Exaustos, mães e filhos adormecem no chão.
Na Europa, a bailarina dança... Que esplendor!

Se na América do Sul, o trabalho é fecundo.
Famílias cultivam flores e frutos, criam animais.
Na América Central as riquezas são naturais!
Tudo acontece nalgum lugar deste mundo!

Annecy Tojeiro Giordani

EERP/Enfermagem (A/pós-doutorado) • "Tive poemas publicados nas edições 8 e 9 (2001/2002) do *Poeta de Gaveta*."

entremeio

Patrik de Oliveira Aprígio

(Sacada estreita sem assento.)

Relâmpago,
blues!

Penumbra.
Clarões da televisão muda
Na sala Alice na almofada purpural
Nívea adormecida.

"Vaporosa silhueta,
E seu zelo ridículo por mim...
Como me suspende em sombra sua mão esquerda,
E a destra irradia luz e ilumina
A densa atmosfera desse apartamento?"

Acende o último cigarro da carteira
Traga largo, expele
Inclinado sobre o peitoril, cospe
Lá embaixo, um mundo; ele entretém-se com cuspos.

fast!

Patrik de Oliveira Aprígio

Álcool gasolina biodiesel flex
Ônibus implacável cidade quente
Pessoas
Gado de corte gramíneas extensas
Fast!
Partículas de piche nível do rio
Clique o toque o riso
Fast!

Fast!

Fast!

Vem na avenida,
Senhor de charrete
(Faixa direita só dele),
Ele ergue o chapéu, eu, seu servo, aceno.

Patrik de Oliveira Aprígio

EESC/Hidráulica e Saneamento (A/mestrado) • "Pastas e arquivos repletos de versos desconexos, alguns poucos, depois do burilamento (ele nunca termina), merecem ser lidos."

a graúna e o carcará

Cleiton Assis

O santo de hoje foi arrebatado
Pela terra seca corre o sangue farto
Neste mar de calor caiu o encantado
E sobre o retirante o mais sofrível fardo

As caveiras decrépitas cogitam a devastação
Do solo pela grande plantação

No galho retorcido a graúna para
E a olhar a morte, apedreja o cristão
Esta ferida aberta o sertão não sara
Uns ainda temem a figura antiga de Lampião

O chão rachado aumenta o desespero
Mas a mão calejada esconde o medo

Urubus cercam a carcaça mortificada
Enquanto o carcará rodeia o gabiru
Ele cerca, mata e come a presa amotinada
A carne vermelha, o olho ainda cru

Casas malfeitas perdem-se na imensidão
De um deserto polido pelo homem capitão
Terras empobrecidas, um castigo inevitável
O filho nasce chorando o peito miserável

Cleiton Assis

EESC/Engenharia Mecânica (A/doutorado) • "O *Poeta de Gaveta* tem sido uma excelente oportunidade de divulgar a capacidade de criação de notórios desconhecidos."

poesiaseelvagem.blogspot.com

sábia sabedoria

Yuri Michelin Rodella

Homi é mesmo bicho muito curioso...
Busca resposta pra tudo!
Passa a vida toda olhando pra cima... dá até turricolu!
Oia aquela passaraçada toda!
Como faz pra chegá lá em cima?
E faz o avião...
Que tem mais pra cima?
E chega lá nas estreias brilhosas que só...
O que tem pra amanhã?
E é nelas mesmo onde ele vai buscá resposta...
Mas cá entre nós
É só o finalzinho da vida é que se percebe
Que já tava tudo escrivinhadinho direitinho na letrinha miúda
Bem aqui na palma da mão.

Yuri Michelin Rodella

EESC/Engenharia Aeronáutica (A) • Trabalhos publicados na edição 14 do *Poeta de Gaveta*.

o diploma de meu avô

Douglas Farias Cordeiro

(baseado em uma história real)

Era ali, no meio do cerrado,
rodeada pelo silêncio e pelo mato,
uma casa de pau-a-pique fincada no rincão,
onde viviam dois velhos e seus filhos,
tão amados e queridos,
sem nenhum espaço para a solidão.

Não se via luxo ou riqueza,
tampouco mágoa ou tristeza,
pois tudo o que se desejava estava em mão.
E quando do céu se despedia a última estrela,
ainda com a luz do lampião acesa,
se uniam todos em oração.

Mas como o destino muda a sorte,
o velho pai, já em seu leito de morte,
decidiu um antigo desejo revelar.
Chamou para junto seu filho mais moço,
e sem fazer alvoroço,
começou seu segredo contar.

“Filho adorado de meus dias,
razão de sorrisos e alegrias,
venha aqui, quero lhe falar:
de todos os dons, recebeste sabedoria,
então sempre a use como guia,
para um dia um diploma conquistar.”

Antes mesmo de responder,
os olhos do velho se puseram a adormecer,
e o silêncio outrora tranquilo, tornou-se lamentação.
E onde antes morava a felicidade,
passou a viver a saudade,
acompanhada de uma famigerada solidão.

E quando sua mãe também foi-se embora,
o rapaz saiu com o romper da aurora,
buscar sua vida em outro lugar.
Sem dinheiro e profissão,
foi para uma roça virar peão,
só para a comida poder comprar.

Um dia, quando a cidade foi visitar,
viu de longe uma moça a caminhar,
e sentiu seu coração outra vez bater.
Chegando perto dela meio sem jeito,
contou-lhe do sentimento em seu peito,
e que queria ao lado dela envelhecer.

A moça com timidez no olhar,
entregou sua mão em um suspirar,
e junto também o coração.
Durante o dia todo ele trabalhava,
e à noite seguia sua caminhada
como aluno do Instituto de Educação.

Por diversas vezes, a miséria bateu à porta,
e cadernos e livros iam janela fora,
com imensa dor e comoção.
Sete filhos trouxeram ao mundo,
e tiveram que cavar fundo,
em busca de sustento e proteção.

Muitos anos ele viu passar,
e depois de muito batalhar,
o magistério conquistou.

Sentiu, num instante, seu ser aliviar,
e como por muito estava a ansiar,
a enxada finalmente abandonou.

Agora era chamado de professor,
e recebia das crianças o valor,
de compartilhar a educação.
Era responsável por uma escola de fazenda,
onde a esposa fazia a merenda,
e vivia toda a família com muita paixão.

Mas aquela história de faculdade,
tornou-se apenas uma saudade,
uma lembrança de seu pai amado.
O dinheiro que ganhava era tão pouco,
ainda que trabalhando como um louco,
não podia deixar seu lar abandonado.

E assim viu os sete crescerem,
e as suas próprias vida fazerem,
e a idade então começar a chegar.
Vieram os primeiros netos,
e com a cabeça em pensamentos incompletos,
de seu pai pôs-se a lembrar.

E depois de tantas alvoradas,
de caminhar por longas estradas,
decidiu o desejo de seu pai realizar.
Estudou noites e dias,
enfrentando madrugadas frias,
e na faculdade conseguiu entrar.

Bem cedo saía da fazenda,
seguindo a estrada de terra até uma venda,
onde uma condução podia pegar.
E seguia para a faculdade,
onde com jovens dividia classe,
e alegrias e tristezas aprendia a compartilhar.

E assim, depois de mais alguns anos,
enfrentando desafios e enganos,
ao fim daquela jornada conseguiu chegar.
E com a idade de quando seu velho pai partiu,
na capa do jornal saiu,
como mais velho aluno a se formar.

• • •



GAVENTA



Programa **POETA DE GAVETA**

Inscrições realizadas no período de 4 a 29 de junho de 2012.

Total de 27 participantes com 68 trabalhos inscritos:

Lorena » 4 p – 11 t
Piracicaba » 2 p – 4 t
Pirassununga » 2 p – 4 t
Ribeirão Preto » 15 p – 39 t
São Carlos » 4 p – 10 t

Poeta de Gaveta é uma publicação anual de textos de poesia e prosa produzidos por alunos, docentes e funcionários dos campi do interior da USP, com etapas de inscrição e seleção. É editada pela Seção de Atividades Culturais da Prefeitura do Campus USP de Ribeirão Preto – PUSP-RP. Os textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.



POETA DE GAVETA / Volume 19 – 2013

ISSN 1516-0513

Impresso em maio de 2013.

Tiragem de 800 exemplares.

Distribuição gratuita.

Proibida a reprodução sem prévia autorização.

Impressão e acabamento

